



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SEculo

ERA UMA VEZ...

Onde o Anão conta um conto e acrescenta um ponto

PARECE-ME que a minha pessoa despertou bastante curiosidade e confiança, visto que hoje venho responder a uma Mamã aflita e a um menino curioso.

A Mamã pede-me um castigo para um tal Luizinho, formidável guloso, que a rala com a sua guloseima!

Ora eu sou um Anãozinho, unicamente sustentado a gratinhas de uva, pevides de melão, baguinhos de arroz e várias outras miudezas sensaboronas, portanto, nada entendo de doçuras. Mas, aqui há tempos, chegou-me aos ouvidos um caso estranho que vem mesmo ao pintar para ser contado ao amigo Luizinho e a todos os meninos gulosos que me lerem.

Era uma vez um rapazinho que não podia resistir aos bólos, doces, amêndoas, rebuçados e outras gulodices.

A mãe zangava-se, o pai rabujava e a mana afligia-se, mas o tal rapazinho não tinha emenda.

Quantas vezes, já, gemêra, na cama, agoniado, com a boca a saber-lhe a trapos velhos e o estômago em contorções! Mas, passado o mau bocado, voltava à mesma,



sempre pronto a lamber tóda a qualidade de gulodice. Como todos sabiam aquela predilecção, no dia dos seus anos, os amigos encheram-no de mimos, comprados no confeitiro.

Ele eram ratos de chocolate, passarinhos de açúcar, flores cristalizadas e até o padrinho lhe mandara uma enorme lampreia de ovos, de grandes olhos de ginja e uma pêra doce a sair-lhe da boca.

De manhã à noite, o rapazinho andou sempre a mastigar doçuras e quando se deitou já ia tão enjoado que caiu a dormir num sono profundo, cheio de mal-estar e pesadelos.

Viu-se a fugir, por um declive feito de torrão de alicante. Escorregava, escorregava e na atrapalhação deitou

(Continua na página 8)



MIGUEL FARADAY

por J. F. S. desenhos de CASTAÑE

JACQUES FARADAY era um pobre ferreiro inglês. Tinha uma modesta oficina em Newington Butts, e três filhos, uma menina (Isabel) e dois rapazes (Roberto e Miguel), este último nascido em 1791.

Os negócios iam maus, e, como sobreveio a infelicidade do bom homem adoecer, teve Roberto de tomar conta da oficina, enquanto Miguel, com três anos, entrava, por sua espontânea deliberação, e com o intuito de auxiliar a família, numa loja de encadernador, como aprendiz.

Amigo de estudar e saber, Miguel não encadernava um só livro sem o lêr, principalmente tratando-se de obras poéticas ou científicas. Foi assim que conheceu o conteúdo dum livro da autoria duma senhora.

Versava êle sobre química, e de tal maneira o pequeno encadernador se apaixonou pelo assunto, que se deu a realisar, imediatamente, as experiências relativas aos fenómenos indicados no livro. Não pode descrever-se a alegria que lhe causou o facto de vêr que todas as experiências correspondiam, precisamente, aos elementos descritos na obra.

Prosseguiu sozinho os estudos, e, a-pesar-dos seus ganhos mal lhe chegarem para comer, não desanimou. Da química passou à física.

Vendo a boa vontade do irmão em cultivar as ciências, Roberto contratou um professor que deu a Miguel rudimentos de química.

O pequeno estuda e progride. Faltam-lhe laboratórios, livros, aparelhos.

Porém, a sua tenacidade, amor às ciências e ânsia de progredir, suprem todas as faltas. Passados oito anos de lutas, de experiências e de misérias, Miguel constrói, completa, uma máquina eléctrica.

Um antigo freguês da loja de encadernador, soube das aptidões do jovem operário e interpelou-o:

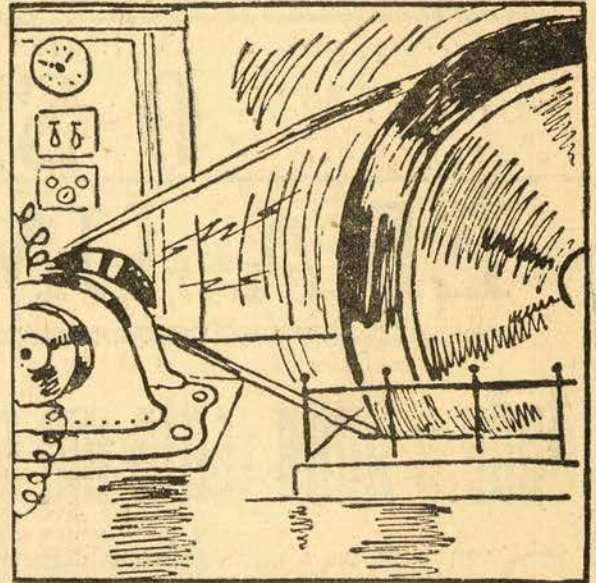


— É verdade que conheces a física e a química, e tens realiado experiências inéditas?

— É verdade, meu senhor; — respondeu Miguel, cheio de contentamento, ao vêr que mais alguém se interessava pelos seus estudos.

— Disseram-me, mesmo, que inventaste uma máquina eléctrica...

O pequeno mostrou a sua invenção ao cliente, que ficou maravilhado e disse:



— Vou obter para ti um cartão de entrada na «Royal Institution». Aceitas?

— Aceito, senhor, e agradeço-lhe de todo o coração — respondeu Miguel, alegre e comovido.

Dentro de poucos dias, tinha o moço operário outra ocupação além da de encadernador; ouvia, enlevado, as lições do grande mestre Humphry Davy. Dessas lições tomou cuidadosos apontamentos que encadernou e ofereceu ao professor.

— Maravilhoso! — exclama Davy ao terminar a leitura. — Custa a crer como um simples encadernador me compreendeu tão bem!

Decididamente, é o meu melhor aluno!...

Estava feita a carreira de Miguel. Admitido nos laboratórios da «Royal Institution», foi o maior colaborador de Davy. Multiplicam-se, então, as suas descobertas. O seu trabalho é constante, útil e benemérito. Entre essas descobertas figura a indução electro-magnética, que trouxe à humanidade um grande progresso e bem-estar.

Ao realizar-se em 1931 o centenário dessa descoberta, as academias e jornais de todo o mundo lembraram o nome de Miguel Faraday com palavras de gratidão e louvor. Sem as suas descobertas, não teríamos, hoje, motores e transformadores eléctricos. Portanto, não haveria iluminação e carros eléctricos.

Foi um trabalhador infatigável e homem de grande caracter, simples e modesto.

Podendo ganhar somas consideráveis com os seus inventos, não quiz receber nunca senão o produto do seu trabalho como investigador científico.

O governo concedeu-lhe uma pensão, que êle recebeu só depois de muito instado.

Em 1867 morreu, sossegadamente, o antigo aprendiz de encadernador e filho de ferreiro que, à custa dum esforço perseverante e do amor à leitura e ao estudo, ficou inscrito nos anais da Ciência como um dos maiores sábios e inventores do século XIX.

As andorinhas

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA



HEGOU a Primavera!... As andorinhas voltam de novo, em bando, a Portugal, saudosas das manhãs e das tardinhas do nosso ameno clima excepcional.

Voltam de novo às claras platibandas, alpendres e beirados das lusas moradias e locandas, onde deixam seus ninhos abençoados.

E há no seu vôo um rasto de alegria, riscando o azul puríssimo dos céus, num jeito tão gracioso que dir-se-ia uma bênção; — louvado seja Deus!

Voltam, de novo, abençoando as casas onde fazem os ninhos, bemdizendo, na saudação das suas longas ásas, os que, nelas, felizes, vão vivendo.

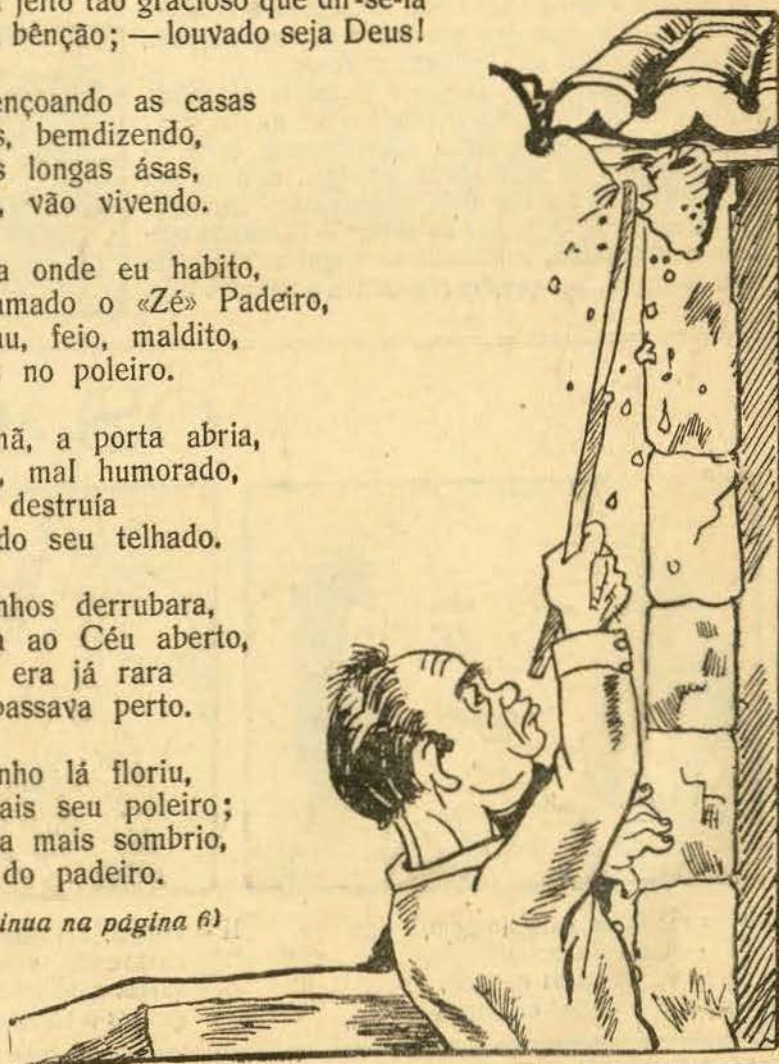
Porém, na mesma rua onde eu habito, mora um homem, chamado o «Zé» Padeiro, que tem o sestro mau, feio, maldito, de destruir os ninhos no poleiro.

Sempre que, de manhã, a porta abria, sombrio, a resmungar, mal humorado, pegava numa vara e destruía os ninhos do beiral do seu telhado.

Mas tanta vez os ninhos derrubara, com sua vara erguida ao Céu aberto, no ano anterior, que era já rara a andorinha que lá passava perto.

E nunca mais um ninho lá floriu, ave alguma lá fez mais seu poleiro; tornou-se, então, ainda mais sombrio, subitamente, o rosto do padeiro.

(Continua na página 6)



DESTINOS

Novela infantil por
GRACIETO BRANCO
Desenhos por **Adolfo Castañé**



NA praia de Buarcos, praia pequena e modesta, vizinha da Figueira da Foz, vivia um rapazito de quinze anos, filho de pescadores, e cujo destino, também, seria sobre as águas do mar.

Fernando, se chamava o rapaz. Era o Fernando Pescada, alcunha antiga, que se tornara apelido, vindo de pais para filhos.

Mas o Fernando era diferente dos Pais, diferente dos irmãos, diferente dos companheiros, diferente de todos do seu meio. Por isso o viam quasi sempre isolado, abstracto, com pontas de mau humor, azedume nas falas, — não porque o seu coração não fôsse puro e belo como o sal, mas porque era um pobre incompreendido, uma alma eleita que não encontrava eco.

... As pescarias!... As longas e tortuosas pescarias, eram o seu tormento, a contrariedade maior da sua vida!

Fernando tinha um espirito naturalmente culto, tinha um requinte de sentimentos invulgar, raro na sua classe, e quando o Pai lhe dizia, rudemente: — «Amanhã vamos ao mar. E' aprontar as rédes» — Fernando sentia uma revolta surda, uma áncia de rasgar as rédes, de destruir as chatas, porque lhe repugnava o trabalho sujo,

desarmónico, de meter as mãos em montões de peixe de andar descalço, roto, a chafurdar no lodo; do contacto brutal com os outros homens do mar!

E não era porque Fernando não tivesse um talento extraordinário pelo mar! Tinha-o elevado a um grau superior. Adorava o mar, a beleza estonteante do mar mas para o percorrer com olhos extasiados de artista ou para o viajar em elegantes hiates de recreio.

No seu culto pelo belo, no refinamento da sua alma Fernando era bem desgraçado! Muitas vezes pensava — «Sou igual aos outros. Por que não hei-de trabalhar com eles, andar a seu lado, compartilhar das suas idéias dos seus gostos, dos seus desejos? Não passo dum idiota dum toleirão idiota!»

Mas não podia! Era uma força oculta, uma força natural, superior aos seus desejos.

Então, chorava, horas e horas, no seu humilde quarto, sem encontrar solução à sua vida, vendo-se apenas com quinze anos, tendo ainda, diante de si, toda a estrada da vida a seguir...

E, de noite, na miséria tristíssima do seu quarto, tinha sonhos de grandeza, visões de fausto, de esplendor, que depois, transformando-se em pó, ao contacto da dura realidade, lhe deixavam a alma despedaçada, por uma tormentosa angústia.

A pouco e pouco, os companheiros iam-se afastando de si, criando-se, na sua volta, uma pesada atmosfera de forte antipatia.

Mas Fernando reconhecia a necessidade de trabalhar, de auxiliar os Pais, na luta pela vida. Era lá natural que ele se entregasse a devaneios, a ridículas visões de grandeza, quando o pai e os irmãos trabalhavam como moiros, noite e dia, mãos calejadas pela pressão forte dos remos, negros rostos, viucados por noites de vigília, pela contrariedade da borrasca, pelo terror fanático da tempestade que abre sepulturas no mar... Todas as constelações eles conheciam e apontavam, com dedo sábio de mestres.



Uma vez, o Pai, chamou-o e disse-lhe: — «Fernando. E's de todos os meus filhos, o único que trabalha de mau modo, o único que me acompanha carrancudo, o único, enfim, que não é meu amigo».

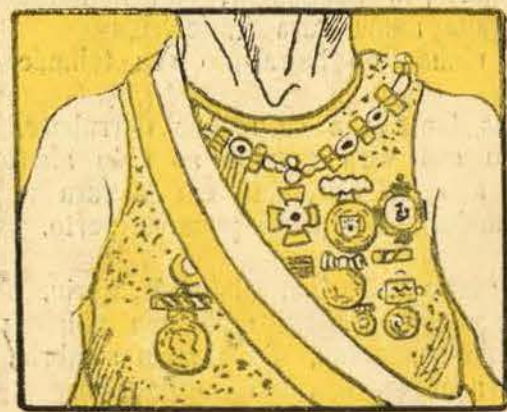
Fernando, espantado pela atitude comovida do Pai, sensibilizado pela aparência veneranda em que, só então, reparava, ia a protestar energicamente, mas o Pai, com um gesto, fê-lo calar, continuando:

(Continua no próximo número)

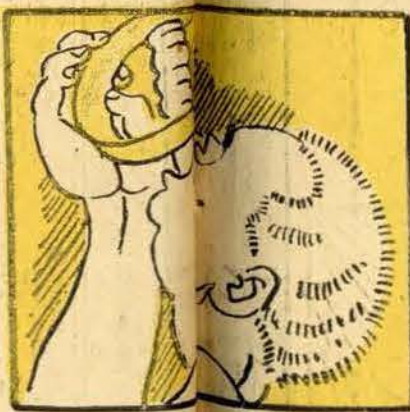
OS OSSOS DA PROFISSÃO



I — Meus meninos, este homem, «Zé» Maria Ravachol, como vocês bolos comem, lanças e espadas engole.



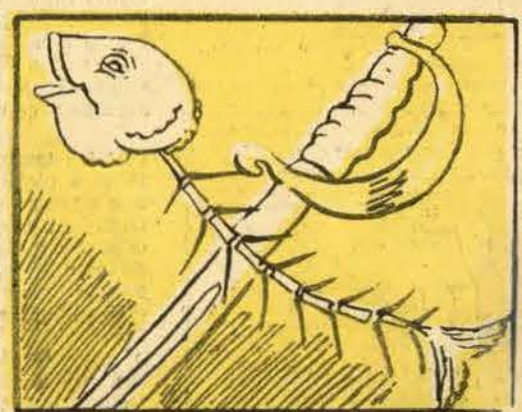
II — Possui, em grandes porções, como estão vendo em seu peito, várias condecorações ganhas a torto e a eito.



III — Não há coisa igual, ao engolir espada, com o ar natural, sem lhe causar o mesmo nada.



IV — Contudo, um dia, ao jantar, fôsse lá pelo que fôsse, o nosso herói engasgou-se e desatou a gritar.



V — Nunca punhal, lança ou espada, lhe dera abalo tão mau: — Ficara-lhe atravessada a espinha dum carapau.

AS ANDORINHAS

Continuação da página 3

—«Esta agora!...»--(consigo próprio exclama, já cheio de remorsos) — Afinal, o coração das aves também ama e sabe distinguir o bem do mal!»

Desde então, não mais teve um só minuto de paz na consciência, de Alegria, tendo dentro da alma eterno luto, o desprezo das aves lhe doía.

Entanto, ao fim da rua em que êle habita e na qual, há que tempos, também moro, vive num prédio certa pequenita de olhos azuis e cabelito louro.

Num prédio não é bem, numa trapeira em cuja janelinha ela aparece, enlevada, a sorrir, de tal maneira que, logo, ao vê-la, a gente se enternece.

E ao cimo da moldura, onde, às tardinhas, surge, lembrando um quadro de Malhõa, há sempre um ninho, um ninho de andorinhas, donde um casal constantemente vôa.

Um casal que esvoaça tão pertinho do seu busto gentil, que bem podia,



se quizesse, apanhá-lo no seu ninho, mas por nada no mundo ela o faria.

Pois sabe que impedir o vôo à ása, é crime sem perdão. A quem tal faz, o Destino castiga e a própria casa, que é nosso ninho, em breve se desfaz.

F I M

A passarada do globo

POR ZÉ D'ALDEIA

A passarada do Globo,
Com seus reis, nobresa e povo,
Tudo, a elto,
Que tem bico e que põe ovo;
Reuniu-se, de imprevisto,
Num comício,
Mui perfeito,
Realizado no início,
Do tempo pluvioso,
P'ra pedir ao Deus do céu
Chuva, chuva, muita chuva!



Com um tempo tão calmoso
Como em trinta e três correu,
Houve falta de alimento,
Só havendo muita uva!
Faltou erva, faltou grão,
Faltou água nas ribeiras,
Quanto representa pão
Para as aves cantadeiras.

Oh! Foi tanta a fome, tanta,
Entre a pobre passarada!
Nas terríveis ratoeiras
Destroçou, a garotada,
O povo que vôa e canta!
Os pardais té imigraram
Para a Africa e Brasil!
Os rouxinais não cantaram,
Em Abril!
O pintassilgo fadista
Foi um dos que mais sofreu,
No ano de trinta e três...

Foi tal a fome de alpista
Que por pouco não morreu!
O pisco, por sua vez,
Com a fome adoeceu!
Tanto e, ás duas por três,
Ia ao doutor Sabe Tudo,

A quem dizia: — «Oh! Doutor!
Isto assim é um canudo...
Já não sei como viver!
Maldito seja o calor
Que nos tira tudo, tudo!
Dá vontade de morrer!»

O melro negro e pimpão,
Com o seu bico amarelo,
Sofreu tanto com o verão,
Tanto, tanto,



Com resignação de santo!...
Ele tão gordo, tão belo,
Ficou só com pena e osso!

Por receita do doutor
Sabe Tudo,
Que tem ciência por grosso...
P'ra não morrer de calor
(O que era grande canudo...)
Deu-lhe muitas injeções
E massagens nas pernecas;
Comia até comprimidos
De minhocas!

O pobre píscio, por vezes,
Perdeu os cinco sentidos!
Chegando a estar quatro meses
Com uma neurastenia!

O tentilhão foi a ares
Para as bandas de Palmela,
A carriça até sofria
(que arrelia...)
Duma grave erispéla!

O chuíinho,
Coitadinho,
Esse até endoideceu!
Mas o doutor Sabe Tudo
De tal forma o medicou,
Com um tino tão sisudo
Que o chuíinho melhorou.

Impossível de contar
Tanta desgraça sem conta,
De pascar,
E pôr a cabeça tonta!

O bom Doutor Sabe Tudo
Esquecia-me dizer,
Chama-se D. Pintarroxo.
E' um pássaro sisudo,
E' um sábio nada côxo
Na arte de medicar!

Pois no comício em questão,
Realizado há poucos dias
Na Quinta do Alqueidão;
Resolveu a passarada
Formar uma comissão,
Para pedir regalias...
E foi ao céu de abalada,
No que demorou dez dias!

Recebeu-a o Criador,
Que prometeu este ano
Não mandar outro calor,
Tão tirano,
Tal como aquele que fez,
No ano de trinta e três!

Disse ás nuvens que chovessem;
A's ervinhas que crescessem;
Aos triguais que germinassem;
A's frutas que não secassem;
Que houvesse bastante alpista...

Enfim, uma longa lista
De benefícios sem par,
Para a gatinha do ar.
Já de volta, a comissão,
Foi recebida a cantar,
Por toda a gente do ar
Na Quinta do Alqueidão.

Tão contente, a passarada,
Ficou com o Criador,
Que foi toda de abalada
Ao céu, que grande jornada,
Agradecer-lhe o favor...

Val haver fartura a ródos
Este ano pelo estio!
Comem todos, todos, todos,
E cantam ao desafio:
Re-pi-pio pio, pio...
Rouxinois e pedreirinhos
Sabiás e tentilhões
Pintassilgos e chuinhos
Cotovias, verdilhões,
Todo o nobre mundo alado
Em louvor
Do bom Deus por lhes ter dado
Fartura e pouco calor!

ZÉ DE ALDELA

F I M

HORA DE RECREIO

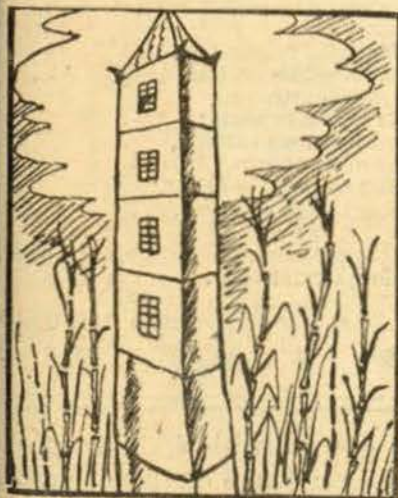
Charadas em frase PARA OS MENINOS COLORIREM

Naquela habitação estava uma mulher que trocava do estilo das outras moradias 2-2.

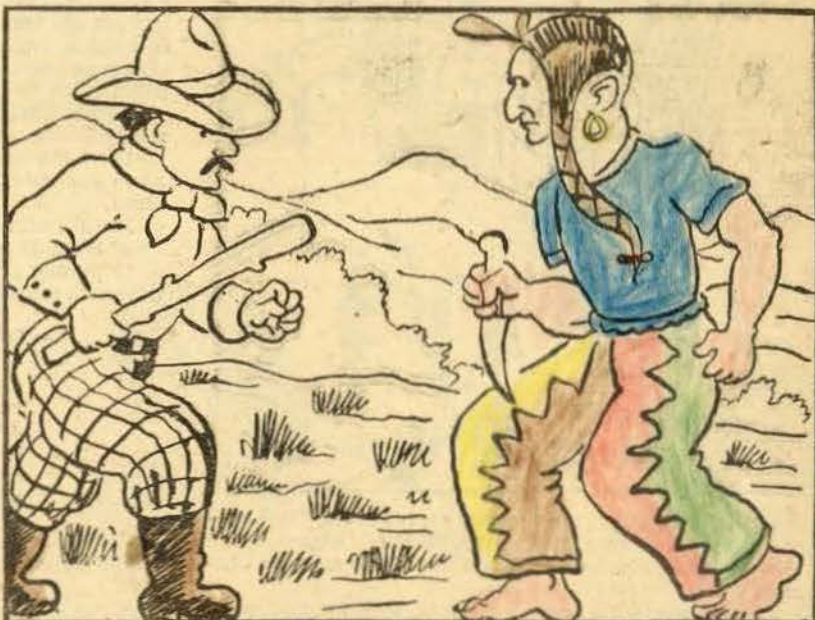
Vi, agora, uma ave dando à pata numa corrida 2-2.

Solução das anteriores: — 1 — Safado — 2 — Morcego — 3 — Arminho — 4 — Algodão.

A DIVINHA



Ergue-se nos canaviais,
antes quebra do que entorta,
tem aposentos de mais
e vejam lá não tem porta.



CHARADAS COMBINADAS

+ da — Existência

+ co — Vazio

+ ve — Subtil

+ co — Páu de bilhar

Conceito: — Flor

Solução das anteriores: — 1 — Jónios — 2 — Dórios — 3 — Espartanos — 4 — Oscos — 5 — Arabes.

+ ta — Nome feminino

+ ta — Animal doméstico

+ ta — Nome feminino

+ ta — Comemoração

Conceito: — Flor

+ ma — Leito

+ ta — Alvo

+ ma — Fruto

+ ma — Aia

Conceito: — Flor

Onde o Anão conta um conto e acrescenta um ponto (Continuado da página 1)

as mãos a uns pedregulhos de chocolate. Sobre ele caíam frutos das árvores que eram amêndoas, drops e pastilhas. Batiam-lhe na cara, com tal força, que o faziam gritar de dor.

Sempre correndo, achou-se nas margens dum rio de leite de crème.

Ali, deslisou num chão de marmelada e zás! caiu ao rio.

Dentro do leite crème, nadou até uma gruta de abóbora coberta.

Mal lá entrou foi assaltado por uma ninhada de ratos de chocolate, como os que ele comera, nesse dia.

Todos a uma, o mordiam, endemoninhados! Aflitíssimo, tentava livrar-se da rataria, quando lhe surgiu uma lamprela de ovos, tal qual a que o padrinho lhe dera.

Mas, esta vinha furiosa!

Com a língua a dar, a dar, os olhos a faiscar, saltou sobre o pobre pequeno, como a querer enguli-lo! Então, ele tanto gritou e esbracejou que a mãe ouviu-o e veio acordá-lo daquele horrível pesadelo.

Ao vê-lo, coberto de suores, pálido, com os olhos esboalhados de medo, a boa senhora, perguntou-lhe, solicita:

— Que queres tu, meu filho? Talvez te apeteça uma gemasinha com açúcar, qualquer coisa doce, dize lá!

E o rapaz, apavorado, acudiu:

— Não, minha mãe. Eu já não gosto de doces. Estou curado da guloseima! — e debilhado em lágrimas, a tremer, contou à mãe, o horrível susto que o sonho lhe metera!

Não quero, nem por sombras, que o tal Luizinho guloso assim seja castigado, mas, como sabia esta história, sempre quis que ele a conhecesse também.



Ao deitar, é bom que se lembre se, nesse dia, teria abusado das guloseimas, não venha, de noite, algum rio de leite de creme afogá-lo, lamprelas de ovos e ratos de chocolate comê-lo vivo!

Temos, agora, um negócio a tratar, muito complicado!

Um menino que, pelo que vejo, se interessa pela vida alheia, faz-me umas perguntas, um tanto indiscretas, visto

tratar-se dum personagem misterioso que não se desvenda assim, com essa facilidade! Mas eu prometi satisfazer todas as curiosidades; não tenho mais remédio, portanto, senão responder ao menino curioso.

Mostra-se êle muito empenhado em conhecer a minha origem.

E' esta a sua primeira pergunta.



Sempre ouvi contar, no reino dos anões, que para eu sair assim, um mafarrico, tão cheio de ciência, sapiência e graça, veio um grande mágico lá dos confins das Arábias, que juntou, num cadinho, uma letra do alfabeto, uma nota de música, uma gotinha de água do mar, a centelha duma estrêla, a pena duma ave e o pêlo dum bichinho, mais o pólen duma flôr.

Aquela mistura foi amassada, amachucada, muito enrolada...

Foi dessa massa que saiu o sábio, o divertido, o folião Anão Sabichão, amigo de todos os animais, plantas e meninos.

Ficaste satisfeito com a resposta, meu coscuvilheiro?

A' segunda pergunta também vou responder.

O menino perguntador quer saber a razão porque me visto com calças às riscas e veste com estrêlas.

— Se ando neste espalhafato, com tanta estrêla no fato, é que estudo astrologia que até sei em demasia! E servem p'ra me entreter, para as notas escrever, as riscas das minhas calças, p'rá composição de valsas.

Já veem que não me encontraram descalço, quer dizer, a tudo respondi com a prontidão dum

ANÃO SABICHAO

■ F I L M ■

O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A boa estrêla—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garraizada—Alma delicada—Os ninhos—O Estudo—A carta anónima—A bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração. — **SAO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 Escudos**